

OBSERVAÇÕES SOBRE OS PERIGOS QUE TRAZ APÓS
SI O ABUSO DAS BEBIDAS ALCOÓLICAS.

Por M. Bergeron.

(Gazeta médica de Paris.)

1.º O homem se distingue do animal pelo sentimento de liberdade de acção para o bem e o mal, e portanto pelo sentimento de sua responsabilidade.

2.º Desde que o homem perde este duplo sentimento, degrada-se, põe-se ao nível do bruto.

3.º Quando esta degradação é consequencia de uma molestia constitue uma infelicidade, mas torna-se uma vergonha — quando resulta do abuso das bebidas alcoolicas, porque o homem priva-se voluntariamente do mais nobre de seus attributos, do que constitue a sua superioridade—a consciencia moral.

4.º De certo não é á esta degradação que tende o homem que usa das bebidas fermentadas; pelo seu uso procura um prazer de pouca duração e uma reparação momentanea de suas forças.

5.º Dentro de certos limites o uso das bebidas fermentadas—é approved pela hygiene: é até rasoavel reconhecer que não sendo indispensavel á saude não deixa de ter alguma utilidade.

6.º Mas por mais moderado que seja o seu uso offerece entretanto um perigo. Para comprovar a influencia do alcool que todas as bebidas fermentadas encerram, mesmo quando não se tem abusado, basta o estado de excitação do cerebro que dá ao espirito mais vivacidade e uma disposição para vêr tudo pelo modo mais agradável.

7.º Ninguem se admire de que o homem apesar de haver experimentado uma vez esta sensação procure-a de novo. Nisto é que está o perigo, porquanto esta leve excitação cerebral, pouco perigosa em si, é o primeiro gráo da embriaguez e dado este passo, o homem arrastado por um pendôr insensível, passa do simples excesso aos habitos da embriaguez, para cahir rapidamente em todas as miserias phisicas e moraes produzidas pela embriaguez e a contar dáhi tem-perdido a sua autonomia.

8.º Em todos os tempos e logares a embriaguez fez numerosas victimas, mas até o seculo ultimo o mal tinha limitado seus estragos e não tinha se elevado a um flagello. Estava reservado ao seculo XVIII, e princi-

palmente ao nosso, dar o vergonhoso espectáculo de populações inteiras se embrutecerem pelo abuso do alcool.

9.º O norte da Europa paga ao alcoolismo um tributo monstruoso; mas seja qual fôr a profundeza do mal entre as nações estrangeiras, é forçoso reconhecer e não ter receio de declarar que entre nós é immenso. Tudo o demonstra: as estatisticas que estabelecem que o consummo das bebidas alcoolicas augmentou em França, ha vinte annos, em uma proporção mais consideravel que nos primeiros cincoenta annos do seculo; as que mostram a elevação progressiva do numero das molestias devidas ao abuso do alcool, e principalmente das differentes formas da loucura; o enfraquecimento moral do paiz provado por todos os documentos recentes; nossas calamidades, emfim, devidas incontestavelmente a causas multiplas, mas ás quaes a embriaguez tem subtrahido toda dignidade, contaminando-as com o seu ferrete impudico.

10. Si é exacto que o senso moral perdeu sua força em nosso paiz, e que se receia menos o aviltamento que o soffrimento, é de mister renunciar a esperança de obstar os progressos do alcoolismo, procurando dissipar o sentimento da dignidade humana, é de mister resignar-se a contar somente com o medo e patentear incessantemente aos olhos de todos o quadro verdadeiro dos males tão numerosos e variados oriundos da embriaguez; é de mister que d'ora avante nenhum d'aquelles que tenha de ser victimas do alcoolismo desculpe-se com a ignorancia do perigo.

11. Seja qual fôr a natureza de uma bebida fermentada, é principalmente pelo alcool que ella obra sobre o organismo.

Pode-se tornar como typo da acção d'estas bebidas a que exerce sobre os orgãos a aguardente commum, isto é, o alcool puro, diluido em seu volume d'agua.

Quando é mais diluida como nas bebidas usuaes vinho, cerveja, cidra, perada, seus efeitos são evidentemente menos notaveis; tornam-se terriveis quando o alcool é mais concentrado, constituem verdadeiros venenos agudos, rapidamente mortaes e sobre os quaes não nos demoraremos, porque são accidentes sobreviidos a alguns individuos isolados, no meio das victimas innumeradas do abuso das bebidas fermentadas e da aguardente.

12. Introduzida no *estomago* vazio, a aguardente, em dose moderada, congestiona-o, excita suas contracções e augmenta a secreção dos succos digestivos. Estes effeitos directos muito menos pronunciados quando o estomago é repleto de alimentos, são leves e desaparecem sem deixar vestigio se a ingestão da aguardente é um facto accidental. Mas se este facto se reproduz frequentemente, e torna-se habitual, a vermelhidão congestiva é mais viva, mais persistente, uma verdadeira inflammção se desenvolve, os succos digestivos tornam-se mais raros e dão lugar á producção de liquidos mais nocivos que uteis ao trabalho da digestão: com o uso continuo das bebidas, succede á inflammção, ora um trabalho de ulceração, ora, as mais das vezes um espessamento, uma induração que paralyndo os movimentos do estomago e suspendendo suas secreções normaes o tornão incapaz de digerir.

A estes estados anatomicos corresponde uma successão de accidentes taes como a sensação de calor e de queimadura na cavidade do estomago, a regeição por esforços de vomitos, de liquidos mais ou menos abundantes, ora insipidos, ora acidos ou acres (a pituita dos bebedores) a perda de appetite, a lentidão do trabalho da digestão; mais tarde —dôres de estomago estendendo-se das costellas ao dorso, com grandes differenças de intensidade e natureza, desde a belliscadella ou enfado até as dôres mais atrozes; em summa—perturbações digestivas de uma gravidade crescente podendo por si sós produzir a morte por prostração, com ou sem complicação de phtisica pulmonar ou de cancro.

13. Os effeitos immediatos do alcool sobre o estomago—não se repercutem somente neste orgão; a maior parte do liquido é absorvida pelas veias e levada pela circulação vai exercer sua má influencia sobre o cerebro, o figado, os pulmões e os rins.

14. O cerebro é de todos os orgãos, nenhum bebedor o ignora, aquelle que sente mais vivamente a acção do alcool. Mas as experiencias sobre os animaes vivos tem demonstrado que o seu tecido é que retém e armazena maior proporção de alcool.

15. Posto em contacto pelos pequenos vasos sanguineos com a substancia cerebral, o alcool exalta as funcções do cerebro e esta exaltação cujo grão é proporcional ao alcool

absorvido, se traduz, passando por todas as phases da embriaguez, por um ar jovial quasi sempre benevolo, ao qual succede logo uma loquacidade espantosa com tendencia consideravel a girar no mesmo circulo de idéas; a marcha que a principio era muito prompta e que excluia todo cansaço, torna-se incerta; á alegria succede um certo grão de irritabilidade acompanhada ordinariamente de uma birra invencivel. Á partir deste momento a scena muda completamente de aspecto, não ha somente excitação, ha uma perversão das idéas, um verdadeiro delirio mais ou menos altercador, violento, que termina por um palavrorio incoherente, por um estado de agitação, com tremor de todos os membros, que constitue um excesso de *delirium tremens*, delirio especial dos bebedores, podendo por si determinar a morte, e ora degenera em uma crise de furor cego no qual o homem é capaz de praticar todos os crimes e cujas inclinações só evita quando cae extenuado pelo excesso da excitação a que está exposto, em um estado de prostração—como uma massa inerte: é o homem *ivre mort*.

16. Quando semelhantes excessos se reproduzem em certos intervallos e quando a acção do alcool sem passar de uma leve excitação se repete todos os dias, á simples commoção do tecido nervoso que produziu esta excitação succedem pouco a pouco lesões materiaes, desde a congestão diffusa mais ou menos generalisada ou persistente do cerebro até ao amollecimento. Não é então por uma effervescencia alegre, nem por accessos de furor, que se revelão estas desordens, mas por cephalalgias continuas, vertigens, um enfraquecimento gradual das faculdades intellectuaes, o embotamento do espirito, a perda da memoria, a difficuldade da palavra, o tremor incessante dos membros, accessos passageiros de delirio, ora calmo e ora agitado, alternando com accessos de epilepsia e finalmente a loucura, a imbecilidade e a paralyisia que precederão de longa data a esterilidade ou uma impotencia absoluta.

17. O alcool obra sobre o figado, como sobre o cerebro, congestionando-o; mas é esta congestão tão leve quanto a do tecido nervoso, si a acção foi completamente accidental, succede as mais das vezes, quando o uso das bebidas alcoholicas torna-se copiosa e continua uma verdadeira inflam-

mação terminando ora pela suppuração do figado, o que se observa principalmente nos paizes quentes, ora mais ordinariamente por augmento de volume deste orgão com induração ou sem ella, ora emfim por uma degeneração gordurosa ou fibrosa do tecido normal (*cirrrose*). Para o bebedor todas estas desordens se annuncião por perturbações digestivas mui analogas ás que determina a acção directa do alcool sobre o estomago, em geral menos dolorosas, é verdade, mas complicadas de ictericia e hydropisia e exaggeração, nos ultimos periodos, de todas as angustias que precedem a morte, quando a agua accumulada no estomago recalca os pulmões e o coração.

18. A superficie dos *bronchios* é quiçá a mais larga via de eliminação do alcool; todos conhecem a que ponto é a respiração dos bebedores impregnada do alcool; mas se é facilmente expellido pelos *pulmões* o alcool não deixa de impregnar em todos os sentidos estes orgãos tão vasculares congestionando-os e dando-lhes uma tendencia extraordinaria a se inflammarem, quando excessos repetidos submettem-nos frequentemente a sua acção, e assim se explicam a tosse secca, impertinente, obstinada de muitos bebedores, a frequencia da fluxão do peito, da bronchite aguda ou chronica com phthisica consecutiua ou sem ella, mas quasi sempre com complicação de molestia do coração.

19. Importa bem apreciar que as molestias do coração, tão penosas em todos os periodos pela oppressão que causam, e que terminam sempre ou pela morte subita ou por uma hydropisia geral, podem produzir-se de repente sob a influencia dos excessos alcoholicos, a membrana do coração e dos vasos não se subtrahindo como os outros á acção irritante do alcool.

20. Atravessando os *rins*, que o expellem rapidamente e em grande parte decomposto com as urinas, o alcool excita as funcções destes orgãos: é um facto vulgar, que em quantidade igual, as bebidas alcoholicas fazem urinar muito mais que a agua pura, si esta excitação se repete frequentemente, o tecido dos *rins* do mesmo modo que o do cerebro, figado e dos pulmões se congestiona e se inflamma, ao mesmo tempo que apparecem dores de rins, evacuação de sangue e de pús pela urethra, com a complicação tão habitual de catarrho da bexiga e destas inflammações da prostata que pela

retenção ou incontinencia das urinas, e a serie de dolorosas operações que necessitam fazem da vida dos condemnados a todas estas miserias por seus excessos alcoholicos, um terrivel supplicio que elles abreviam as mais das vezes pelo *suicidio*.

21. Não contando estas molestias já tão numerosas, outras ainda ha, menos terriveis em geral, mas graves todavia por algumas suas consequencias, e que com razão devem ser attribuidas igualmente á acção do alcool. Em um bebedor esta acção se manifestará pela apparição frequente de *furuncullos* ou de *anthrazes*; em outro por simples erupções de pustulas disseminadas sobre o corpo (*acné*, *ecthyma*), ou por vermelhidões persistentes da face (*caparrosa*), ou ainda por *dartros* mais ou menos rebeldes (*eczema*, *lichen*), emfim pela tendencia em produzir um excesso de acido urico (urinas cõr de tijolo) cuja accumulacão traz quasi fatalmente a *gotta* as *areias* tão frequentemente acompanhadas de calculos.

22. D'esta arte o abuso das bebidas alcoholicas produz molestias numerosas; mas antes de ter produzido estas desordens materiaes e as perturbações da saude que ellas trazem após si, predispõe os bebados a acção das causas que fazem produzir molestias accidentaes, aggravar estas molestias e comprometter seriamente a cicatrização das feridas ou o resultado das operações a que taes individuos podem se submitter.

Benicio de Abreu.

(Continua.)

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO D'ABERTURA DA ESCOLA MEDICO CIRURGICA DE LISBOA PELO PROFESSOR DA 6.ª CADEIRA.

(Conclusão)

Não foi comtudo a escola medico-cirurgica de Lisboa, ou antes a regia escola de cirurgia que a precedeu, a instituição scientifica mais refractaria a aceitar os methodos experimentaes com que na época em que fõra creada se mostravam já em grande progresso algumas instituições congeneres na Europa. Bem humilde era ainda este estabelecimento, e todavia n'elle se estudou a anatomia e a cirurgia por um modo que nos honra. Não podia, porém, a escola ficar sempre circumscripta nos acanhados limites da sua insti-